

## DUAS CARTAS DE SIGMUND FREUD A ARTHUR SCHNITZLER: TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS<sup>1</sup>

*Sigmund Freud*

*Traduzido por: Pedro Heliodoro Tavares<sup>2</sup>*

Arthur Schnitzler (1862-1931), dramaturgo e escritor de contos e novelas, é ainda um autor muito pouco traduzido e lido no Brasil. No meio psicanalítico, porém, ele acaba sendo constantemente lembrado como aquele a quem, em carta de 1922, Freud confessa ter evitado ao longo da vida por medo de nele encontrar o seu duplo. Tal “confissão” de fato tem instigado ao longo dos anos aqueles que procuram nos escritos freudianos, do pesquisador (Forscher) que tem na Medicina sua origem quanto à formação e prática profissional, os parentescos de sua obra com o estético, o literário e o ficcional.

Na verdade a noção de duplo, ou *Doppelgänger*, “o que anda em duplicidade” - como o termo o deixa mais claro na língua de nossos dois autores - trata do quanto esta impressão diz respeito a um *percurso*, um *itinerário*. Afirmamos isso, pois ambos Freud e Schnitzler tem muito em comum quanto às origens e primeiros passos dados em suas vidas intelectuais. Ambos judeus vienenses, não sem conflito estudaram Medicina e exerceram tal profissão. Foram alunos de Theodor Meynert, interessando-se pelas afasias, pela histeria e pela hipnose.

Schnitzler era conhecido como o *Doktor-Dichter*<sup>3</sup>, já que abandona a prática clínica da medicina, para abordar o sofrimento humano em sua obra ficcional de modo destemido, polêmico e por vezes escandaloso. Freud, por sua vez, provocou também o escândalo e a repulsa social com suas teorias sobre a sexualidade infantil e perverso-polimorfa, mas poderíamos depreender de escritos e testemunhos seus e de convivas, que temia o ostracismo e a recusa de suas descobertas, caso não se mantivesse dentro de um padrão burguês convencional de conduta pessoal, profissional e no âmbito de

<sup>1</sup> Tradução recebida em: 29/12/2017 e aceita em: 08/01/2018

<sup>2</sup> Professor da Área de Alemão do Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo. Coordenador de Tradução da coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud (Ed. Autêntica). Endereço de email: phtava@gmail.com

<sup>3</sup> O vocábulo *Dichter* impõe certa dificuldade na sua tradução ao português. Poderíamos traduzi-lo por “poeta”, pensando a acepção mais ampla que a palavra já teve em nossa língua. Não se trata somente daquele que escreve poesia, mas sim do escritor literário ou escritor ficcional.

sua produção escrita. Entretanto, ainda que sempre procurando manter seus escritos comprometidos com os ditames da racionalidade científica e sem jamais abandonar a prática clínica que profundamente revolucionou, colheu o reconhecimento de grandes literatos contemporâneos seus (Mann, Hesse, Zweig) pelo valor estético de sua prosa.

Por diversas vezes, Freud fez dos *Dichter* seus aliados<sup>4</sup>, reconhecendo haver neles, sobretudo em Goethe e Shakespeare, mais conhecimento sobre o psiquismo humano do que em toda a Medicina. Admirou-os mantendo-se à *distância* ou resistindo à *proximidade*? Quanto à Schnitzler a distancia/proximidade diz respeito ao *Unheimliche* (inquietante estranheza familiar) tão bem analisado no ensaio de 1919. Com este autor, suas ideias, seus escritos, Freud declara a sensação de uma familiaridade-estranha (*unheimliche Vertrautheit*), com aquilo que, segundo Schelling “deveria ter ficado nas trevas, mas acaba por vir á luz” (apud FREUD, idem). Mas o grande encontro permanente entre Freud e Schnitzler tem afinal a ver com a polaridade que ambos, em teoria ou em forma, em suas práticas clínicas ou em seus escritos, evidenciaram: que o essencial da vida pulsional (*Triebleben*) diz respeito à interação entre Eros e Tanatos.

### Carta 1:<sup>5</sup>

Viena IX, Berggasse 19<sup>o</sup>. 8 de Maio de 1906.

Prezado Senhor Doutor,

Há muitos anos tenho consciência<sup>7</sup> da concordância de longo alcance, que existe entre os seus e os meus pontos de vista quanto a algumas questões<sup>8</sup> eróticas e psicológicas e recentemente encontrei a coragem para enaltecê-la de modo expresso (Análise de fragmentos de uma histeria<sup>9</sup>, 1905). Sempre me perguntei, fascinado, de onde o senhor

---

<sup>4</sup> *Der Dichter und das Phantasieren* (FREUD, 1907): “Os escritores ficcionais (*Dichter*) são *aliados* muito valiosos, e seus testemunhos devem ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa “sabedoria escolar” (*Schulweisheit*) ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento do psiquismo (*Seelenkunde*), já que se amparam em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência.”

(Wertvolle *Bundesgenossen* sind die Dichter, und ihr Zeugnis ist hoch anzuschlagen, denn sie pflegen eine Menge von Dingen zwischen Himmel und Erde zu wissen, von denen sich unsere Schulweisheit noch nicht träumen lässt. In der Seelenkunde gar sind sie uns Alltagsmenschen weit voraus, weil sie aus Quellen schöpfen, welche wir noch nicht für die Wissenschaft erschlossen haben) (p.14 *grifo nosso*).

<sup>5</sup> *Wien IX, Berggasse 19, 8. Mai 1906*

Verehrter Herr Doktor

Seit vielen Jahren bin ich mir der weitreichenden Übereinstimmung bewußt, die zwischen Ihren und meinen Auffassungen mancher psychologischer und erotischer Probleme besteht, und kürzlich habe ich ja den Mut gefunden, eine solche ausdrücklich hervorzuheben (Bruchstück einer Hysterieanalyse, 1905). Ich habe mich oft verwundert gefragt, woher Sie diese oder jene geheime Kenntnis nehmen konnten, die ich mir durch mühselige Erforschung des Objektes erworben, und endlich kam ich dazu, den Dichter zu beneiden, den ich sonst bewundert.

Nun mögen Sie erraten, wie sehr mich die Zeilen erfreut und erhoben, in denen Sie mir sagen, daß auch Sie aus meinen Schriften Anregung geschöpft haben. Es kränkt mich fast, daß ich fünfzig Jahre alt werden mußte, um etwas so Ehrenvolles zu erfahren.

Ihr in Verehrung ergebener

Dr. Freud

<sup>6</sup> Endereço residencial e laboral de Freud antes de migrar para Londres no último ano de sua vida.

<sup>7</sup> *bin bewusst*: “estou ciente” ou “estou consciente”.

<sup>8</sup> *Probleme*: literalmente, “problemas”.

<sup>9</sup> Texto conhecido como “Caso Dora” (1905). Trata-se do seguinte trecho e sua correspondente nota

pôde ter obtido este ou aquele conhecimento secreto que adquiri através da minha árdua exploração do objeto e, finalmente, terminei por invejar o poeta a quem, no mais, admiro.

Pois o senhor pode imaginar o quanto me alegraram e honraram as linhas nas quais me diz, que também meus escritos geraram no senhor semelhante excitação. Quase me lastimo<sup>10</sup> de precisar ter chegado aos 50 anos de idade para vivenciar algo tão lisonjeiro.

Com devotada admiração<sup>11</sup>, seu,

Dr. Freud

## Carta 2<sup>12</sup>:

---

de rodapé (p.203):

„Wer den Kranken gesund machen will stößt dann zu seinem Erstaunen auf einen großen Widerstand, der ihn belehrt, dass es dem Kranken mit der Absicht, das Leiden aufzuheben, nicht so ganz, so voll ernst ist“.

(Aquele que quer tornar o doente/paciente [Kranken] saudável tropeça então, para seu espanto, numa grande resistência, que lhe ensina que a intenção do doente/paciente de se livrar de seus sofrimentos não é nem tão cabal nem tão séria).

Ao que segue a seguinte nota de rodapé:

“Ein Dichter, der allerdings auch Arzt ist, Arthur Schnitzler, hat dieser Erkenntnis in seinem ‚Paracelsus‘ sehr richtigen Ausdruck gegeben“. (Um escritor/poeta [Dichter] que, aliás, também é médico deu a correta expressão deste conhecimento/intuição [Erkenntnis] em sua peça ‘Paracelsus’).

<sup>10</sup> *Kränken*, ofender, magoar, melindrar. Termo utilizado por Freud e Breuer na *Vorläufige Mitteilung* (Comunicação preliminar) dos *Studien über Hysterie* (1895) para mostrar o quanto a língua alemã relaciona a doença (Krankheit) e o doente (Kranke) com a ofensa (Kränkung) e o ofender (kränken).

<sup>11</sup> *Verehrung*: Admiração, devoção adoração. Termo problematizado por Freud no caso no Homem dos Ratos (*Bemerkungen über einen Fall Von Zwangsneurose*, 1909) sobre o modo como o paciente se referia à jovem que amava, adorava (verehrt) e seu pai.

<sup>12</sup> Wien IX, Berggasse 19, 14. Mai 1922

Verehrter Herr Doktor

Nun sind Sie auch beim sechzigsten Jahrestag angekommen, während ich, um sechs Jahre älter, der Lebensgrenze nahe gerückt bin und erwarten darf, bald das Ende vom fünften Akt dieser ziemlich unverständlichen und nicht immer amüsanten Komödie zu sehen.

Wenn ich noch einen Rest von Glauben an die »Allmacht der Gedanken« bewahrt hätte, würde ich jetzt nicht versäumen, Ihnen die stärksten und herzlichsten Glückwünsche für die zu erwartende Folge von Jahren zuzuschicken. Ich überlasse dies törichte Tun der unübersehbaren Schar von Zeitgenossen, die am 15. Mai Ihrer gedenken werden.

Ich will Ihnen aber ein Geständnis ablegen, welches Sie gütigst aus Rücksicht für mich für sich behalten und mit keinem Freunde oder Fremden teilen wollen. Ich habe mich mit der Frage gequält, warum ich eigentlich in all diesen Jahren nie den Versuch gemacht habe, Ihren Verkehr aufzusuchen und ein Gespräch mit Ihnen zu führen (wobei natürlich nicht in Betracht gezogen wird, ob Sie selbst eine solche Annäherung von mir gerne gesehen hätten).

Die Antwort auf diese Frage enthält das mir zu intim erscheinende Geständnis. Ich meine, ich habe Sie gemieden aus einer Art von Doppelgängerscheu. Nicht etwa, daß ich sonst so leicht geneigt wäre, mich mit einem anderen zu identifizieren oder daß ich mich über die Differenz der Begabung hinwegsetzen wollte, die mich von Ihnen trennt, sondern ich habe immer wieder, wenn ich mich in Ihre schönen Schöpfungen vertiefe, hinter deren poetischem Schein die nämlichen Voraussetzungen, Interessen und Ergebnisse zu finden geglaubt, die mir als die eigenen bekannt waren. Ihr Determinismus wie Ihre Skepsis – was die Leute Pessimismus heißen – Ihr Ergriffensein von den Wahrheiten des Unbewußten, von der Triebnatur des Menschen, Ihre Zersetzung der kulturell-konventionellen Sicherheiten, das

*Viena IX, Berggasse 19, 14 Maio 1922*

Prezado Senhor Doutor,

Agora o senhor também chegou ao sexagésimo aniversário, enquanto eu, seis anos mais velho, aproximo-me dos limites da vida e permito-me esperar ver em breve o fim do quinto ato desta um tanto incompreensível e nem sempre divertida comédia.

Se eu ainda tivesse conservado um resto de crença na “onipotência de pensamentos”<sup>13</sup>, não perderia a oportunidade de enviar-lhe os votos de felicitações mais fortes e cordiais pelos esperados anos vindouros. Deixo este gesto insensato à insondável multidão de contemporâneos que o terão em mente no dia 15 de maio.

Mas quero fazer-lhe uma confissão que, por consideração a mim, o senhor deveria preferir guardar para si e não dividir com nenhum conhecido ou estranho. Ao longo de todos estes anos, atormentei-me com a pergunta, sobre por que não tentei entrar em contato com o senhor e ter consigo uma conversa (sem levar em consideração, é claro, se o senhor mesmo veria com bons olhos tal aproximação).

A resposta a esta pergunta contém a confissão que me parece demasiado íntima. Penso que eu o evitei por uma espécie de temor ao duplo<sup>14</sup>. Não que eu tenha a tendência a me identificar facilmente com outras pessoas, ou que queira ignorar a diferença de talento que me separa do senhor, senão que, sempre que me aprofundo em suas belas criações, creio encontrar sob a aparência<sup>15</sup> poética, as mesmas convicções, interesses e conclusões que reconheço como meus próprios.

Seu determinismo, assim como seu ceticismo – o que os outros chamam de pessimismo – sua apreensão das verdades do inconsciente, da natureza pulsional<sup>16</sup> do ser humano, sua fragmentação das certezas culturais e convencionais, a pregnância de seus pensamentos na polaridade do amor e da morte, tudo isso me move com uma

---

Haften Ihrer Gedanken an der Polarität von Lieben und Sterben, das alles berührte mich mit einer unheimlichen Vertraulichkeit. (In einer kleinen Schrift vom Jahr 1920 ›Jenseits des Lustprinzips‹ habe ich versucht, den Eros und den Todestrieb als die Urkräfte aufzuzeigen, deren Gegenspiel alle Rätsel des Lebens beherrscht.) So habe ich den Eindruck gewonnen, daß Sie durch Intuition – eigentlich aber infolge feiner Selbstwahrnehmung – alles das wissen, was ich in mühseliger Arbeit an anderen Menschen aufgedeckt habe. Ja ich glaube, im Grunde Ihres Wesens sind Sie ein psychologischer Tiefenforscher, so ehrlich unparteiisch und unerschrocken wie nur je einer war, und wenn Sie das nicht wären, hätten Ihre künstlerischen Fähigkeiten, Ihre Sprachkunst und Gestaltungskraft freies Spiel gehabt und Sie zu einem Dichter weit mehr nach dem Wunsch der Menge gemacht. Mir liegt es nahe, dem Forscher den Vorzug zu geben. Aber verzeihen Sie, daß ich in die Analyse geraten bin, ich kann eben nichts anderes. Nur weiß ich, daß die Analyse kein Mittel ist, sich beliebt zu machen.

In herzlichster Ergebenheit

Ihr Freud.

<sup>13</sup> *Allmacht der Gedanken*. Noção sugerida por um paciente de Freud, que acaba se incorporando ao jargão psicanalítico.

<sup>14</sup> *Doppelgängerscheu*. Termo composto por *Scheu* (terror, pavor) e *Doppelgänger*. Ao vocábulo duplo (dopprl), em alemão acrescenta-se aí a noção de *Gänger* (substantivo, agente do verbo *geben*, “caminhar”). Tal observação nos interessou em nossa publicação sobre Freud e Schnitzler (TAVARES, 2007) que enfatiza as relações de *percurso* intelectual entre os dois autores.

<sup>15</sup> *Schein*: aparência brilho. *Poetischen Schein* poderia ser compreendido também como “superfície” poética.

<sup>16</sup> *Triebnatur*.

inquietante familiaridade<sup>17</sup>. (Num breve escrito de 1920 “Além do Princípio de Prazer” procurei apresentar Eros e a Pulsão de Morte como as forças primordiais<sup>18</sup>, cuja interatividade domina todos os enigmas da vida.) Obtive assim a impressão de que o senhor sabe por intuição – na verdade, porém, devido a uma acurada auto-percepção – aquilo que eu descobri através de diligente trabalho junto a outras pessoas. Creio de fato que essencialmente o senhor é um incomparável pesquisador psicológico das profundezas honestamente imparcial e destemido, e que se não o fosse, suas capacidades artísticas, sua eloquência e força criadora teriam ganhado livre curso e feito do senhor um escritor muito mais ao gosto da multidão. Sou mais afeito a privilegiar o pesquisador. Mas perdoe-me, por ter derivado para a análise, já que eu não conseguiria fazê-lo de outra maneira. Somente sei que a análise não é um meio para se fazer popular<sup>19</sup>.

Em sincera devoção<sup>20</sup>,

Freud

## REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. *Briefe*. in *Projekt Gutenberg-DE*. disponível em <http://www.projekt.gutenberg.de/buch/6433/27> acesso em 14 de julho de 2012.

FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke - Chronologisch geordnet*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1999.

Bemerkungen über einen Fall Von Zwangsneurose (1909)

Bruchstück einer Hysterieanalyse (1905)

Das Unheimliche (1919)

Der Dichter und das Phantasieren (1907)

Die Verdrängung (1915)

Studien über Hysterie (1895)

Totem und Tabu (1907a)

TAVARES, Pedro Heliodoro. *Freud & Schnitzler – Sonho Sujeito ao Olhar*. São Paulo: Annablume, 2007.

---

<sup>17</sup> *unheimliche Vertrautheit*. Construção que porta certo paradoxo entre as noções de *estranheza*, de *inquietante* (unheimlich) e *segurança, familiaridade* (Vertrautheit).

<sup>18</sup> *Urkräfte*. O prefixo *ur-* da língua alemã diz respeito ao originário ou àquilo que antecede o historicamente conhecido no sujeito (ontogênese) ou na espécie (filogênese). Tal noção foi muito explorada por Freud em termos como *Urborde* (horda primitiva) *Urvater* (pai primevo) e *Totem und Tabu* (1913) ou *Urverdrängung* (recalcamento originário) em *Die Verdrängung* (1915).

<sup>19</sup> *Beliebt*: querido, aceito.

<sup>20</sup> Mesmo que as saudações finais possam parecer forçadas quanto ao caráter elogioso, quase bajulatório, na tradução mais direta que propomos, preferimos manter o aspecto de admiração explícita tão condizente com o conteúdo das duas cartas.